

KAREN MARIE MONING

O Feitiço do  
**HIGHLANDER**

*Tradução de Teresa Martins de Carvalho*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



*Este é para o meu marido, Neil Sequoyah Dover.  
Não estivesses tu aí — não estaria eu também. Amo-te.*

Caro Leitor...

Quando não estou certa de como pronunciar certas palavras de um livro, isso leva-me a gaguejar mentalmente de cada vez que elas aparecem no texto, abstraindo-me do momento. Tendo isso em conta, junto esta breve chave dos nomes mais significativos:

**Cian:** *Ki-on.*

**Dageus:** *Dei-guis.*

**Drustan:** *Dras-tin, com A átono.*

**Os Draghar:** *Dra-gar, primeiro A átono.*

**Tuatha Dé Danaan:** *Tua dei dana*

**Aoibheal:** *Ah-vil*

**Sincronicidade:** 1. Ocorrência simultânea de dois ou mais acontecimentos significativos mas não causalmente relacionados; 2. Coincidência ou alinhamento de forças no universo para criar um acontecimento ou circunstância; 3. Colisão de possíveis tão incalculavelmente improváveis que pareceria implicar intervenção divina.



## Primeiro Prólogo

Aoibheal, rainha dos *Fae*,<sup>1</sup> estava nas catacumbas por baixo do Edifício Belthew, encoberta por incontáveis camadas de ilusão, uma informe projecção de si própria, para além da visão de qualquer vidente dos *Sidhe*,<sup>2</sup> para além mesmo da percepção da sua própria raça.

Na obscuridade das labirínticas catacumbas, Adam Black andava furioso de um lado para o outro, tapando os ouvidos e amaldiçoando o pranto de Chloe.

Mas não era a provação de Adam que a preocupava de momento.

Era a sua própria provação.

Nessa noite, brandira a formidável magia de Rainha dos *Tuatha Dé Danaan*<sup>3</sup> a fim de destruir a seita de Druidas dos *Draghar*.

Mas não fora esse o seu único propósito. Como sempre, tinha motivos dentro de motivos. O seu uso do pleno poder de Alta Rainha da Corte da Luz dos *Seelie*<sup>4</sup> provocara um apagão de toda a magia mortal através da Grã-Bretanha, parte da Escócia e boa parte de Gales.

Deitara por terra guardas que os humanos acreditavam inquebrantáveis, destituída de efeito feitiços de protecção, e privara temporariamente todas as sagradas relíquias mortais de qualquer poder que elas possuíssem.

Cerrando os olhos, Aoibheal dirigiu a sua visão de longo alcance para fora, analisando a urdidura do tecido do seu mundo. Puxara um fio aqui,

---

1 Conjunto de seres sobrenaturais dotados de poderes mágicos, como as fadas, os duendes, os elfos, etc. (N. da T.)

2 Palavra irlandesa e escocesa que se refere às colinas onde se acreditava viverem os *Fae* e, por extensão, aos próprios *Fae*. (N. da T.)

3 Deuses da mitologia celta, representados como heróis ou fadas. (N. da T.)

4 Do inglês arcaico *saelig*, bendito ou sagrado, por oposição a *Unseelie*, maldito ou sacrílego. Neste caso, a Corte das Fadas Benevolentes por oposição à Corte das Fadas Malévolas. (N. da T.)

arrancara um fio ali, e as alterações infinitesimais que buscava haviam começado.

Algures no Tibete um antigo feiticeiro procurava a mais sacrílega das Relíquias Negras.

Algures em Londres um gatuno vasculhava uma abastada residência com a reputação de albergar tesouros inimagináveis.

Algures um Keltar contava o tempo, aguardando uma vingança há muito esperada.

Ah, sim, havia começado...



## Segundo Prólogo

Há homens que nascem sob uma boa estrela.

Cumulado de atenções femininas desde o instante do seu grandemente ansiado nascimento numa família de sete encantadoras mocinhas Keltar, mas, infelizmente, nem um filho homem — seu pai falecido num acidente de caça uma quinzena antes —, Cian MacKeltar veio ao mundo, com mais de dez arráteis de peso, já *laird*<sup>5</sup> do castelo. Coisa capaz de dar a volta à cabeça de tão pequena criança.

À medida que se foi fazendo homem, herdou a típica aparência Keltar: corpo largo de ombros e poderoso, todo ele músculo ondulado, encimado pelo rosto sombrio e selvaticamente belo de um anjo vingador. A sua nobre linhagem celta, fiel à sua agressiva herança de aristocracia guerreira, legara-lhe igualmente leonino quinhão de sexualidade; um ardente, mal contido erotismo que lhe dava forma ao andar, sublinhava cada movimento seu.

Com uma vintena mais dez, Cian MacKeltar era O Sol, A Lua e As Estrelas.

E sabia-o.

E era um Druida, para rematar.

E ao contrário da vasta maioria dos seus macambúzios, sobremaneira sérios antepassados (para não falar do verdadeiro ror de macambúzios ainda por nascer), ele *gostava* de ser Druida.

Gostava de tudo o que isso implicava.

Gostava do poder que lhe zumbia tão potentemente nas veias. Gostava de se aconchegar com uma garrafa de uísque por entre a colecção da antiga doutrina e artefactos na biblioteca da câmara subterrânea do Castelo

---

<sup>5</sup> Termo escocês que designa um senhor ou nobre proprietário de terras, lorde. (N. da T.)

Keltar, estudando o conhecimento arcano, combinando um fortuito feitiço com uma temerária poção, tornando-se cada vez mais forte e poderoso.

Gostava de caminhar pelas montanhas cobertas de urze após uma tempestade, proferindo os antigos dizeres para sanar a terra e os pequenos animais. Gostava de levar a cabo os rituais das estações, cantando sob uma bojuda lua laranja por altura das colheitas, com um feroz vento das *Highlands* enredando-lhe o longo cabelo escuro, e aticando as suas fogeiras sagradas em pilares de chamas, sabendo que os todo-poderosos *Tuatha Dé Danaan* dele dependiam.

Gostava de dormir com as moças, tomando-lhes o doce viço sob o seu corpo rijo, usando as suas artes de Druida para lhes dar tão desenfreado e desatinado prazer como — sussurrava-se — só um exótico amante *Fae* podia outorgar.

Gostava até do laivo de medo com que grande parte do seu mundo o olhava, como um Druida Keltar e herdeiro da antiga, aterrorizadora magia dos Antigos.

O *laird* responsável pela continuação do sagrado legado Keltar em finais do século IX era diabolicamente encantador, sombriamente sedutor, e o mais poderoso Keltar que jamais existiria.

Ninguém contestava, ninguém desafiava, ninguém levava a palma a Cian MacKeltar. Veramente, a possibilidade de que alguém ou algo pudessem vir a fazê-lo um dia jamais lhe ocorrera sequer.

Até àquele amaldiçoado *Samhain*<sup>6</sup> do seu trigésimo ano de vida.

Há homens que nascem sob uma boa estrela.

Cian MacKeltar não era um deles.

Pouco tempo depois, a biblioteca da câmara subterrânea foi selada, para jamais tornar a ser mencionada, e qualquer registo referente a Cian MacKeltar foi riscado dos anais escritos dos Keltar.

É altamente debatido entre a descendência Keltar sobrevivente se este controverso antepassado existiu sequer ou não.

E ninguém sabe que agora — cerca de mil e cem anos mais tarde — Cian MacKeltar vive ainda.

A modos que... de uma infernal maneira de falar.

---

6 Festividades do calendário celta correspondentes ao Dia de Todos os Santos e Dia de Finados, e que assinalavam igualmente o Ano Novo Celta. Era alegadamente também a altura em que a fronteira entre o mundo dos *Sidhe* e o dos mortais se tornava mais ténue. (N. da T.)

**PARTE 1**

CHICAGO



A chamada que mudou todo o curso da vida de Jessi St. James chegou numa absolutamente comum e indigna de registo noite de sexta-feira que não diferia de forma particularmente significativa de qualquer outra comum e indigna de registo noite de sexta-feira na sua por demais previsível vida, que — não se apressaria ela a contestar — era composta por uma *data* de noites de sexta-feira.

Estava sentada às escuras na saída de incêndio do lado de fora da janela da cozinha do seu apartamento do número 222 da Elizabeth Street, desfrutando uma extemporânea cálida noite de Outono. Estava a ser uma desavergonhada mirone, espreitando pelo parapeito de arenito pardacento para observar uma multidão de gente que, ao contrário dela, tinha tempo para ter vida própria, e conversava e ria no passeio diante da discoteca do outro lado da rua.

Durante os últimos minutos deixara-se ficar de olhos pregados numa ruiva pernalta com o namorado — uma brasa de cabelo escuro, bronzeado do sol e musculado, com calças de ganga e *T-shirt* branca. Ele não parava de encostar a namorada contra a parede, espalmando-lhe as mãos acima da cabeça, e beijando-a como se não houvesse amanhã, empenhando-se em fazê-lo com todo o seu deslumbrante e musculado corpo. (E *olha-me* só para aquele movimento de ancas! Pela forma como ele se contorce contra ela... bem podiam estar a fazê-lo ali mesmo na rua!)

Jessi inspirou bruscamente.

Deus, alguma vez fora beijada assim? Como se o homem mal pudes-se esperar para se meter dentro dela? Como se quisesse devorá-la, talvez entranhar-se-lhe na pele?

As mãos da ruiva desprenderam-se, soltas, para o traseiro da brasa, os dedos recurvando-se-lhe sobre o rabo musculado, e as mãos de Jessi firmaram-se em punhos cerrados.

Quando as mãos da brasa deslizaram pelos seios da ruiva acima, os polegares roçando-lhe os mamilos, os de Jessi fizeram-se igualmente rijos

quais pequenas pérolas. Quase podia imaginar ser ela o alvo dos beijos dele, ser com ela que ele estava na iminência de ter ardente, animal...

*Porque não posso eu ter uma vida assim?*, pensou.

*Podes*, lembrou-lhe uma vozinha interior — depois do *teu* doutoramento.

O lembrete não foi nem de longe tão eficaz como costumava ser há anos, antes de se licenciar. Estava farta da faculdade, farta de não ter dinheiro, farta da correria constante das aulas para o trabalho a tempo inteiro como assistente do Professor Keene, e de ir depois para casa estudar, ou, se tivesse um golpe de sorte, tirar umas colossais quatro ou cinco horas de sono antes de se levantar para começar tudo de novo.

O seu exigente e minuciosamente organizado horário não lhe deixava tempo para vida social. E ultimamente andava por demais mal-humorada com isso. Para onde quer que se virasse recentemente lá estavam pares de namorados, ocupados a namorar e gozando deleitados o maravilhoso namoro.

Mas não ela. Não havia tempo para namoros na sua vida. Ela não era daquelas sortudas que obtinham cursos de bandeja. Ela tinha de fazer contas e poupar e dar por bem empregue cada momento e cada cêntimo. Para além de trabalhar a tempo inteiro e de ter uma carga máxima de aulas, leccionava também. Mal lhe sobrava tempo para comer, tomar duche e dormir.

Nas raras ocasiões em que tentara sair com homens, eles tinham ficado tão fartos do pouco tempo que ela tinha para vê-los e de como pareciam estar no fundo da sua lista de prioridades e de quão pouco disposta ela estava a cair na cama com eles (a maioria dos universitários parecia pensar que se não marcassem golo ao terceiro encontro algo de errado havia com a rapariga — por *favour*), que depressa haviam procurado outras pastagens.

Ainda assim, não tardaria que tudo tivesse valido a pena. Embora houvesse quem achasse que ser arqueóloga e lidar com coisas velhas, poeirentas, ou, frequentemente, mortas, para o resto da vida, não era coisa particularmente excitante para se fazer (como a sua mãe, que odiava a sua opção de vida e não percebia porque não estava ela casada e a ter beatificamente bebês como as suas irmãs), Jessi não podia imaginar carreira mais empolgante. Podia não estar no topo das listas de sonhos alheias, mas era o seu.

*Doutora Jessica St. James*. Estava tão perto que quase podia saboreá-lo. Mais um ano e meio e teria o doutoramento concluído.

Então poderia ter encontros ao ritmo do Coelho Duracell, compensando o tempo perdido. Mas, por agora, não dera tão duro nem se endivi-

dera tanto para ir deitar tudo por terra só porque parecia estar emperrada nalguma espécie de sobremarcha hormonal.

Dentro de alguns anos, consolou-se, fitando a rua fervilhante de gente, as pessoas que paravam naquela discoteca provavelmente *ainda* continuariam a parar naquela discoteca, com as suas vidas completamente inalteradas, enquanto ela andaria a viajar para lugares longínquos, e a escavar vestígios do passado, e a viver grandiosas aventuras.

E, quem sabia, talvez o Sr. Certo estivesse à sua espera algures nalgum futuro local de escavação. Talvez a sua vida não estivesse programada para levantar voo tão rapidamente como as vidas das outras pessoas. Talvez ela fosse apenas uma flor de desabrochar tardio.

*Caramba — a brasa estava a enfiar a mão nos jeans da ruiva. E a mão dela estava na sua... oh! Ali mesmo aos olhos de Deus e do mundo!*

Atrás dela, algures no apartamento atulhado e apinhado a precisar desesperadamente de uma limpeza e remoção de lixo, o telefone começou a tocar.

Jessi rolou os olhos nas órbitas. A mundanidade da sua existência escolhia sempre os momentos mais inconvenientes para se intrometer.

*Trrim! Trrim!*

Deitou mais um olhar fascinado à despudorada exibição de sexo-no-passeio, e enfiou-se relutantemente pela janela da cozinha. Abanou a cabeça numa vã tentativa de desanuviá-la e correu o estore. O que não podia ver, não podia torturá-la. Pelo menos não por aí além, fosse como fosse.

*Trriiim!*

Onde estava o estuporado telefone?

Vislumbrou-o finalmente no sofá, quase soterrado por baixo de almofadas, papéis de guloseimas, e uma caixa de piza que continha — *blagh* — algo penugento e verde fosforescente. Ao pôr cuidadosamente a caixa de lado, hesitou, a mão suspensa em pleno ar sobre o telefone.

Por um momento — brevíssimo e peculiar interlúdio — foi acometida pela inexplicável, fortíssima sensação de que não devia atender.

De que devia simplesmente deixá-lo tocar e tocar.

Deixá-lo talvez tocar o fim-de-semana inteiro.

Mais tarde, Jessi haveria de recordar essa sensação.

O próprio tempo pareceu parar por um singular, prenhe fragmento de tempo, e ela teve a bizarríssima sensação de que o próprio universo parara de respirar e aguardava para ver o que faria ela a seguir.

Franziu o nariz face ao ridículo, egocêntrico pensamento.

Como se o universo alguma vez *reparasse* sequer em Jessi St. James.

Atendeu o telefone.

...

Lucan Myrddin Trevayne andava de um lado para o outro diante da lareira.

Quando empregava um sortilégio de feiticeiro para ocultar a sua verdadeira aparência — coisa que fazia sempre que não estava completamente só — era alto, de quarenta e poucos anos, bem-parecido, de constituição poderosa, o espesso cabelo negro raiado de prata nas têmporas. Era um homem que fazia virar as cabeças das mulheres, e fazia os homens recuarem instintivamente um passo quando ele passava. O seu semblante dizia uma coisa: *Poder — eu tenho-o, tu não tens. E se pensas que tens — põe-me à prova.* As suas feições eram bem europeias, os olhos de um cinzento frio como um *loch* sob um céu tempestuoso. A sua verdadeira aparência era bem menos sedutora.

Acumulara uma tremenda fortuna e poder ao longo da sua vida, que havia sido consideravelmente mais longa do que a da maioria. Detinha posição controladora em muitas e variadas empresas, de bancos a companhias petrolíferas. Mantinha residências numa dúzia de cidades. Tinha ao seu serviço um selecto grupo de homens inigualavelmente treinados e uma ou outra mulher para tratar dos seus assuntos mais privados.

À sua esquerda, sentado numa funda poltrona, um desses homens aguardava, tenso.

— É absurdo, Roman — rosnou Lucan. — O que diabo está a demorar tanto tempo?

Roman mexeu-se desconfortavelmente no assento. O nome adequava-se-lhe bem, as feições de beleza clássica de uma moeda antiga, o cabelo louro comprido. — Já tenho homens em campo, Sr. Trevayne — disse com um laivo de sotaque russo. — Os nossos melhores homens. O problema é que se dispersaram numa dúzia de direcções diferentes. Foram vendidas no mercado negro. Ninguém tem nomes. Vai levar tempo...

— Tempo é precisamente a coisa que não tenho — interrompeu-o bruscamente Lucan. — A cada hora, cada momento que passa, há menos probabilidades de recuperá-las. Essas malditas coisas *têm* de ser encontradas.

“Essas malditas coisas” eram as Relíquias Negras ou “*Unseelie*” dos *Tuatha Dé Danaan* — artefactos de poder imenso criados por uma antiga civilização que passara, séculos atrás e muito erroneamente, aos livros de história da Humanidade como uma raça mítica: os *Daoine Sidhe*<sup>7</sup> ou os *Fae*.

---

7 Povo das Colinas de Fadas em Gaélico. (N. da T.)



Lucan acreditara não haver melhor lugar para manter a salvo os seus valiosos tesouros do que a sua bem guardada residência em Londres.

Estava enganado.

Criticamente enganado.

Não percebia o que acontecera há um simples mês quando se ausentara do país em perseguição de uma pista para o Livro Negro, a última e mais poderosa das quatro Relíquias *Unseelie*, mas algo ocorrera algures em Londres — tendo o epicentro sido no *East Side*, ele podia sentir ainda vestígios residuais de poder — que se repercutira por toda a Inglaterra. Um imenso e antigo poder tomara forma por um breve espaço de tempo, tão forte que neutralizara qualquer outra espécie de magia na Grã-Bretanha.

O que não o teria preocupado, dado que fosse o que fosse aquilo partiria tão rapidamente como chegara, não fora o facto de a sua aparição ter deixado por terra as formidáveis e supostamente inquebrantáveis guardas que protegiam os seus bens mais valiosos. Que os protegiam tão bem que a noção de um sistema de segurança dos tempos modernos era para ele motivo de riso.

Não tão grande motivo de riso já.

Mandara instalar um sistema avançadíssimo, com câmaras em cada divisão, abarcando cada recanto, pois, enquanto estivera fora, um gatuno assaltara a sua casa digna de museu e roubara artefactos que estavam na sua posse há séculos — incluindo as suas insubstituíveis Relíquias: caixa, amuleto, e espelho.

Afortunadamente, o ladrão fora visto por vizinhos quando levava dali o seu saque. Desafortunadamente, quando finalmente o selecto pessoal de Lucan lograra identificar e localizar o velhaco, ele vendera já os artefactos ao primeiro de uma série de fugidios intermediários.

Artefactos como os seus, fabulosos e absolutamente desprovidos de proveniência, inevitavelmente acabariam num de dois lugares: na posse das autoridades legais de um ou outro país depois de terem sido interceptados em trânsito, ou vendidos por uma fracção do seu valor no mercado negro antes de desaparecerem, algumas vezes por centenas de anos, até que o mais leve rumor a seu respeito se tornasse a ouvir. Tinham sacado uns quantos nomes — e esses, obviamente pseudónimos — ao ladrão antes de ele morrer. Há meses desde então que os homens de Lucan perseguiram um rasto deliberada e astuciosamente enlameado. E o tempo tornava-se cada vez mais crítico.

— ...embora tenhamos recuperado três dos manuscritos e uma das espadas, nada apurámos da caixa ou do amuleto. Mas ao que parece é possível que tenhamos uma pista sólida para o espelho — dizia Roman.

Lucan retesou-se. O espelho. O Espelho Negro era a única Relíquia

de que ele necessitava urgentemente. De todos os anos em que poderia ter sido roubado, logo tinha de tê-lo sido neste, em que era devido o tributo! As outras Relíquias Negras poderiam esperar um pouco mais, embora não muito; eram demasiado perigosas para andarem à solta no mundo. Cada uma das Relíquias conferia um dom ao seu possuidor por um preço, se o possuidor tivesse o conhecimento e o poder para usá-lo. O Dom Negro do espelho era a imortalidade, desde que ele satisfizesse as condições. Há mais de mil anos que vinha satisfazendo as condições. Tinha intenção de continuar.

— Uma encomenda que supostamente preenche os requisitos partiu há uns dias de Inglaterra para os Estados Unidos via Irlanda. Cremos que se destinava a alguma universidade em Chicago, a um...

— Então que porra estão aqui a fazer? — disse Lucan friamente. — Se é que têm uma pista, qualquer pista que seja para o espelho, quero-te a segui-la em pessoa. *Já*. — Era imperativo que ele recuperasse o espelho antes do *Samhain*. Ou então...

Esse “ou então” era uma coisa que ele se recusava a aceitar. O espelho seria encontrado, o tributo pago; uma pequena quantidade de ouro puro passado através do espelho a cada cem anos — segundo o costume dos Antigos de assinalarem o tempo, que equivalia a mais de um século segundo os padrões modernos — precisamente à meia-noite do *Samhain*, ou Dia das Bruxas como o assinalava o século actual. Dentro de precisamente vinte e seis dias era devido o tributo do século. Dentro de precisamente vinte e seis dias o espelho *tinha* de estar na sua posse — ou O Preto que nele mantinha o seu prisioneiro seria quebrado.

Enquanto o homem louro recolhia o casaco e as luvas, Lucan reiterou a sua posição no que tocava às Relíquias Negras. — Nada de testemunhas, Roman. Quem quer que tenha tido um vislumbre sequer de alguma das Relíquias...

Roman inclinou a cabeça em silenciosa anuência.

Lucan nada mais disse. Não havia necessidade. Roman sabia como ele gostava dos assuntos tratados, tal como sabiam todos os que para ele trabalhavam e continuavam vivos.

Algum tempo mais tarde, pouco depois da meia-noite, Jessi estava de volta ao *campus* pela terceira vez nesse dia, na ala sul do Departamento de Arqueologia, a abrir a porta do gabinete do Professor Keene.

Perguntou-se retorcidamente porque se dava sequer ao trabalho de sair dali. Dadas as horas que ali passava, mais valia meter uma enxerga

naquele cubículo de limpezas atulhado de coisas e esquecido ao fundo do corredor, no meio de vassouras e esfregonas e baldes que não eram usados há anos. Não só teria mais horas de sono, como pouparia em gasolina também.

Quando o Professor lhe ligara do hospital a dizer que tivera um “pequeno acidente” de carro a caminho do *campus* — “*umas quantas incómodas fracturas e contusões, nada de preocupante*”, apressara-se ele a assegurar —, ela contara que ele lhe pedisse para dar as suas aulas durante uns dias (o que significava que as suas horas de sono encolheriam de quatro ou cinco para um grande e gordo zero), mas ele informara-a de que já ligara a Mark Trudeau e providenciara para que ele lhe assegurasse as aulas até ao seu regresso.

*Mas tenho um favorzinho a pedir-lhe, Jessica. Tenho uma encomenda a caminho. Comprometi-me a recebê-la no meu gabinete esta noite*, dissera-lhe ele na sua voz profunda que, mesmo a vinte e cinco anos de distância de County Louth, Irlanda, nunca perdera o seu sotaque cantado.

Ela adorava aquele sotaque. Mal podia esperar até um dia poder ouvir um *pub* inteiro a falá-lo enquanto empurrava um substancial ensopado e pão irlandês com uma *Guinness* primorosamente tirada. Depois, claro está, de ter passado um dia inteiro no Museu Nacional da Irlanda perscrutando com deleite fabulosos tesouros como o Broche de Tara, o Cálice de Ardagh, e o Tesouro Broighter.

Fixando o telefone entre o ouvido e o ombro, olhara de relance para o relógio, o mostrador luminoso indicando dez e dez. *Que espécie de encomenda é entregue a estas horas da noite?*, interrogara-se em voz alta.

*Não se preocupe com isso. Assine apenas, deixe-a fechada no gabinete e vá para casa. É tudo do que preciso.*

*Claro, Professor, mas o que...*

*Assine apenas, deixe-a fechada no gabinete, e esqueça, Jessica.* Uma pausa, um silêncio pesado, e: *Não vejo motivo para falar disto a ninguém. É pessoal. Não é assunto da faculdade.*

Ela pestanejava, sobressaltada; jamais ouvira tal tom de voz ao Professor. Com palavras bruscas e secas, parecera estar na defensiva, quase... bem, paranóico.

*Compreendo. Eu encarrego-me disso. Fique descansado, Professor. Não se preocupe com nada*, apressara-se a sossegá-lo, decidindo que fossem quais fossem os analgésicos que ele estava a tomar o deixavam estranho, pobre coitado. Ela tomara uma vez *Tylenol* com codeína e ficara com comichões no corpo todo, de mau humor e irritadiça. Com fracturas múltiplas, de certeza que lhe teriam dado algo mais forte que *Tylenol 3*.

Agora, postada sob o ligeiro zumbido das lâmpadas fosforescentes

do corredor da faculdade, esfregou os olhos e abriu a boca num enorme bocejo. Estava exausta. Levantara-se às seis e um quarto para uma aula às sete e vinte e quando finalmente chegasse a casa nessa noite — hã, nessa madrugada — e conseguisse arrastar-se de volta para a cama, teria tido mais um dia de vinte horas. De novo.

Rodando a chave na fechadura, empurrou a porta do gabinete, procurou às apalpadelas o interruptor e ligou-o. Inalou ao entrar no gabinete do Professor, saboreando a mescla erudita de livros e couro, cera para madeira de qualidade, e o pungente aroma do tabaco para cachimbo da sua predilecção. Planeava um dia ter um gabinete seu muito parecido com aquele.

A espaçosa divisão tinha estantes embutidas nas paredes do chão ao tecto e janelas altas que, durante o dia, deixavam derramar o sol por sobre o tapete antigo de trama intrincada em tons de vinho, vermelho-ferrugem e âmbar. O mobiliário de teca e mogno era formalmente masculino: uma imponente secretária com pés em garra; um sumptuoso sofá de couro *Chesterfield* de um lustroso tom carregado de grão de café; cadeirões do mesmo estilo dos lados. Tinha numerosas vitrinas e uma ou outra mesa ostentando as suas mais valiosas réplicas. Uma imitação de candeeiro *Tiffany* adornava-lhe a secretária. Só o computador, com o seu ecrã plano de vinte e uma polegadas, traía o século actual. Saísse ele dali, e bem poderia encontrar-se na biblioteca de um solar inglês do século XIX.

— Aqui — disse por sobre o ombro para os carregadores.

A encomenda revelara não ser bem o que ela esperava. Pela maneira como o Professor a ela se referira, imaginara um envelope bojudo, porventura um pequeno pacote.

Mas a “encomenda” era na realidade um engradado, e já agora bem grande. Era alto, largo, mais ou menos do tamanho de um... bem, um sarcófago ou coisa parecida, e comprovadamente nada fácil de transportar através dos corredores da faculdade.

— Cuidado, homem. Inclinem-no! Inclinem-no! Au! Estão a esmagar-me o dedo. Recuem e ponham-no de lado!

Um “Desculpe” resmungado. Mais grunhidos. — Maldito mastronço. O corredor é estreito como o caraças.

— Está quase a entrar — acudiu Jessi diligentemente. — Só um bocadinho mais.

De facto, momentos depois, estavam a baixar cuidadosamente a caixa oblonga dos ombros, depositando-a sobre o tapete.

— O Professor disse que eu tinha de assinar alguma coisa. — Encorajou-os a despacharem-se. Tinha um dia cheio de trabalho e estudo amanhã... hã, hoje.

— Minha senhora, precisamos de mais que isso. Esta encomenda aqui é que não fica sem ser verificada.

— Verificada? — ecoou ela. — O que significa isso?

— Significa que vale um *patatum* de massa, e a seguradora do expedidor necessita de ter verificação visual e aval. Vê? Assim diz aqui. — O mais robusto dos dois passou-lhe uma prancheta. — Não interessa quem o faz, minha senhora, desde que alguém me assine a documentação.

Certo e sabido, carimbado a vermelho sobre o conhecimento de embarque via-se Requeridos Verificação Visual e Aval, seguido de duas páginas de condições e definições detalhando os direitos do expedidor e do comprador num pedante e enfatuido jargão legal.

Jessi passou a mão pelos curtos caracóis negros, suspirando. O Professor não ia gostar disto. Tinha dito que era pessoal.

— E se eu não vos deixar abri-la para inspeção?

— Vai para trás, senhora. E deixe-me dizer-lhe, o expedidor vai ficar mais que fulo também.

— Se vai — disse o outro homem. — O seguro disto vale couro e cabelo. Se voltar para trás, o seu professor vai ter de pagar segunda vez. Aposto que vai ficar fulo também.

Fitaram-na com olhares enfáticos e desafiadores, claramente pouco dispostos a acartar com o desajeitado engradado de volta nos ombros, fazê-lo passar através do corredor apertado, carregá-lo e devolvê-lo, só para acabar por entregá-lo de novo. Nem sequer lhe falavam para o peito, coisa que os homens faziam frequentemente, especialmente da primeira vez que a viam, demonstrando bem a ânsia que tinham de largar a mercadoria e irem às suas vidas.

Olhou de relance para o telefone.

Olhou de relance para o relógio.

Não ficara com o número do quarto do Professor e desconfiava que, se ligasse para a recepção, jamais lhe passariam a chamada a esta hora. Embora ele tivesse insistido que não tinha ferimentos de monta, ela sabia que os médicos não o teriam mantido internado se não fosse esse o caso. Os hospitais nestes tempos cuspiam as pessoas tão depressa como as admitiam.

Ficaria o Professor mais chateado se ela abrisse a encomenda — ou se recusasse recebê-la e a devolução lhe custasse uma fortuna?

Suspirou de novo, sentindo-se presa por ter cão e presa por não ter.

Por fim foi a estudante universitária perpetuamente falida dentro dela que atirou a moeda ao ar e tomou a decisão.

— Muito bem. Vamos lá. Abram-na.

...

Vinte minutos mais tarde os carregadores tinham assegurado o rabisco da sua exausta assinatura e desandado, levando com eles o que restava do engradado.

E ali estava ela, olhando curiosamente a coisa. Afinal não era nada um sarcófago. Com efeito, a maior parte da encomenda era material de acondicionamento.

Do fundo de camadas e camadas de material acolchoado, tinham desenterrado um espelho e, por indicação dela, haviam-no encostado cuidadosamente à parede oriental de estantes.

Com mais de trinta centímetros que ela, a moldura ornamentada do espelho era de ouro reluzente. Formas e símbolos, de uniformidade e coesão tal que aparentavam ser algum sistema de escrita, estavam gravados em cada centímetro do largo rebordo. Semicerrou os olhos, analisando as gravuras, mas linguística não era a sua especialidade, e os símbolos não eram nada que, sem pesquisar livros ou apontamentos, ela pudesse identificar como letras, palavras, ou hieróglifos.

Dentro da pomposa moldura dourada, os rebordos do vidro prateado ostentavam uma qualquer mancha negra turva e irregular, mas, à parte isso, o vidro em si era surpreendentemente límpido. Suspeitou que o tivessem partido e substituído a dada altura e viesse no fim de contas a provar ser séculos mais recente que a moldura. Nenhum espelho de antanho alcançara tal limpidez. Embora os mais antigos espelhos artificiais descobertos pelos arqueólogos datassem de 6200 a. C., haviam sido feitos a partir de obsidiana polida, não de vidro. Os primeiros espelhos de vidro de tamanho avultado — painéis de sensivelmente noventa centímetros por metro e meio — só tinham sido fabricados depois de 1680 pelo vidraceiro italiano Bernard Perroto para a Sala dos Espelhos de Versalhes, encomendados pelo extravagante Rei Sol, Luís XIV. Excepcionais espelhos de vidro do tamanho do que se encontrava diante dela — com um impressionante metro e noventa e oito de altura — provavam em geral ter, quando muito, umas poucas centenas de anos.

Tendo em conta o prístino argênteo deste, tinha provavelmente menos de um século de existência, e ninguém enlouquecera ou morrera por lento envenenamento de mercúrio ao fabricá-lo. Os fabricantes de chapéus, ou chapeleiros, não tinham sido os únicos a padecer dos vapores tóxicos do seu ofício (embora, por alguma razão que Jessi jamais haveria de lobrigar, a expressão “louco como um espelheiro”<sup>8</sup> jamais tivesse pegado).

---

8 Alusão à expressão idiomática inglesa “louco como um chapeleiro” e, por extensão, ao Chapeleiro Louco de *Alice no País das Maravilhas*. (N. da T.)

De olhos pensativamente semicerrados, perscrutou-o. A arqueóloga nela ardia por saber a proveniência da peça, interrogava-se se a moldura teria sido correctamente datada.

Franziu o cenho. O que queria o Professor com um espelho, fosse como fosse? Um objecto daqueles não tinha nada a ver com os seus gostos habituais, que iam mais para réplicas de armas e reproduções de antigos instrumentos como o astrolábio alemão do século XVI que adornava a sua secretária. E como poderia o Professor dar-se ao luxo de adquirir uma coisa que valia um “*patatum* de massa” com o seu ordenado de professor, fosse como fosse?

Pescando a chave do bolso das calças de ganga, virou-se para sair. Fizera o que ele pedira. O seu trabalho ali estava acabado.

Apagou a luz e transpunha o limiar da porta quando sentiu um arrepio. Todos os cabelinhos da sua nuca se eriçaram, vibrando como que electrizados. O coração desatou a martelar-lhe abruptamente dentro do peito, e teve a súbita, aterrorizadora certeza de que estava a ser observada.

Da maneira como uma presa de caça era observada.

Retraindo-se, virou-se de novo para o espelho.

Vagamente iluminado pelo pálido brilho azul do protector de ecrã do computador, o artefacto parecia positivamente sinistro. O dourado parecia argênteo; o espelho de prata, esfumado, negro e um abismo de sombras.

E dentro dessas sombras alguma coisa se *moveu*.

Inspirou tão bruscamente que se engasgou. Gaguejando, levou a mão ao interruptor.

A luz de tecto acendeu-se, inundando a sala.

Fitou o espelho oblongo, com uma mão encostada à garganta, engolindo convulsivamente.

O seu reflexo fitou-a de volta.

Passado um momento, fechou os olhos. E abriu-os de repente. Fitou o espelho de novo.

Apenas ela.

Os pêlos da sua nuca continuavam arrepiados, frémitos gelados ondulando-lhe espinha acima. A pulsação na depressão da garganta batia-lhe freneticamente sob a palma da mão. De olhos arregalados, olhou desconfortavelmente a sala à sua volta.

O gabinete do Professor, igual a si próprio.

Passado um longo momento, tentou uma risada que saiu tremida, incerta, e pareceu ecoar desagradavelmente no gabinete — como se a área total da sala e o seu efectivo espaço ocupável não coincidissem com precisão.



— Jessi, estás a passar-te — sussurrou.

Não havia nada, ninguém com ela no gabinete do Professor a não ser a sua hiperactiva imaginação.

Com um jeito enfadado de cabeça, virou-se, apagou a luz novamente, e desta vez puxou a porta atrás de si com toda a força e sem um olhar de relance para trás.

Apressando-se corredor fora, saiu de rompante para o parque de estacionamento das traseiras, dando um pontapé num torvelinho de folhas vermelhas e douradas enquanto se dirigia à pressa para o carro.

Quanto maior a distância entre si própria e o edifício, mais ridícula se sentia — realmente, deixar-se amedrontar assim por se ver sozinha no *campus* à noite! Um dia trabalharia em escavações no meio de nenhures, muito provavelmente a horas tardias da madrugada e por vezes sozinha. Não se podia dar ao luxo de ser fantasiosa. Só que por vezes era difícil não o ser, especialmente quando se tinha na mão um broche druida com vinte e cinco séculos de idade, ou se examinava uma fabulosamente detalhada espada do período La Tène.<sup>9</sup> Certas relíquias pareciam conter vestígios de energia, resíduos das vidas apaixonadas daqueles que lhes haviam tocado.

Mas *nada* como o que ela julgava ter acabado de ver.

— Que coisa mais estranha — murmurou, sacudindo um resquício de arrepio. — Deus, *devo* mesmo estar com uma obsessão por sexo.

O espectáculo da brasa com a namorada ainda há pouco tinha-a aparentemente afectado e de que maneira. Isso, a par da exaustão e da obscuridade, decidiu firmemente ao abrir o carro e deslizar para trás do volante, devia tê-la induzido a uma breve e bem desperta fantasia/alucinação.

Pois por um momento julgava de facto ter visto um homem meio-nu — um perfeito deus sexual, nada menos — no gabinete do Professor Keene, a olhar para ela.

*Efeito de luz, provocado por estranhas sombras, nada mais.*

Um homem imponente, musculoso, sombriamente belo, transpirando poder. E fome. E sexo. O tipo de sexo que meninas bem-comportadas não tinham.

*Oh, querida, estás mesmo a precisar de arranjar namorado!*

A olhar para ela como se ela fosse o Capuchinho Vermelho e o lobo grande e mau não comesse há muito, muito tempo.

---

<sup>9</sup> Termo por que é conhecida a segunda Idade do Ferro, cronologicamente situada entre cerca de 450 e 200 a. C., que deve o seu nome a um sítio arqueológico localizado na Suíça, junto ao Lago de Neuchâtel, e representa por excelência a cultura celta. (N. da T.)



*Definitivamente um efeito de luz.*  
A olhar para ela de *dentro* do espelho.

Num lugar que não era lugar, e contudo era lugar bastante para servir de inexpugnável prisão-fortaleza, um lugar aterrorizador, de levar à pura loucura um homem comum, um metro e noventa e oito de *Highlander* enjaulado do século IX agitou-se.

Um faminto som animal ressoou-lhe no fundo da garganta.  
Tal qual pensara: cheirara-lhe a *mulher*.

## UNS DIAS MAIS TARDE...

Quando Jessi tornou a abrir o gabinete do Professor — segunda-feira à noite bem tarde —, uma parte distante do seu cérebro reparou que alguma coisa estava errada, uma ninharia sem importância, mas nem teve consciência disso, convidada de honra que era nesse momento da sua arrebatada e entusiástica festa de autocomiseração.

O facto de ter rodado a chave, e rodado para trás novamente, efectivamente trancando e *depois* destrancando a porta, escapou-lhe por completo.

Não estivesse ela ocupada a resmungar para com os seus botões quanto à deprimentemente enorme pilha de trabalhos do primeiro ano que lhe haviam caído em cima na ausência do Professor, que porventura até teria tido tempo de avaliar não lhe tivesse ele deixado uma mensagem na véspera à noite com uma lista quilométrica de revistas e fontes que queria que ela compilasse de uma dúzia de sítios diferentes, e lhe levasse ao hospital para que pudesse tomar notas para o livro que estava a escrever enquanto estivesse internado a recuperar, talvez tivesse consciência bastante do que a rodeava para ter reconsiderado entrar porta dentro.

Talvez a tivesse fechado de novo, a tivesse trancado de vez, e tivesse ido buscar a segurança do *campus*.

Infelizmente, entusiástica celebrante da sua própria desgraça, em nada reparou.

Deteve-se com a porta ligeiramente entreaberta, soprou uns cabelos da cara e deslocou a mochila a abarrotar que trazia ao ombro de modo que os livros lá dentro lhe parassem de bater nas costelas.

“Cento e onze dissertações? Ninguém me dará simplesmente um tiro e me livra desta desgraça?” Contara-as incrédula quando Mark Trudeau, com um sorrisinho descaradamente maldoso, lhas estendera. Lá se ia qualquer esperança de dormir nos próximos dias.

*Ei, eu concordei em dar as aulas do Keene, Jess, e sabes como o meu horário é apertado. Ele disse que tu avaliavas.*

Ela sabia exactamente porque dissera o Professor Keene que ela avaliava. Porque, indubitavelmente, Mark lhe ligara durante o fim-de-semana “sugerindo” que ela avaliasse. Mark tinha sido um pulha para ela desde o ano passado, quando dera em cima dela (sem sucesso) na festa de Natal do departamento. Ela não suportava homens que lhe falavam para o peito, como se nada houvesse digno de nota acima dele, e ele era um dos piores. Ela não andava por aí a falar para as braguilhas dos homens.

Certo e sabido, o Professor tinha-lhe deixado *outra* mensagem enquanto estava na aula, perfazendo um total de cinco nas últimas vinte e quatro horas (alguém por favor que tirasse o telefone ao homem ou o sedasse por completo!), a agradecer-lhe por ser “*uma assistente tão amorosa e prestativa. O Mark não tem mesmo mãos a medir, e eu disse-lhe que a Jessica teria todo o gosto em ajudar*”.

Pois. Como se alguém lhe tivesse dado a escolher. E como se Mark tivesse menos mãos a medir que ela. Mas o mundo académico era ainda, como o resto do mundo em muitos aspectos, uma Escola da Velha Guarda, e sempre que Jessi começava a esquecer-se disso, a vida dava-lhe invariavelmente um curso de reciclagem.

Abrindo a porta com um empurrão da anca, Jessi entrou, deixando-a entreaberta. Contornando a secretária, foi direita à parede de estantes. Não se incomodou a acender a luz, em parte porque ela própria organizara o gabinete e sabia exactamente onde encontrar os dois livros sobre a Gália Celta que o Professor Keen desejava, e em parte porque estava determinada a não se deixar distrair pelo espelho, e pelo fervilhar de perguntas que ele tinha desencadeado na sua cabeça.

Fizera tréguas com aquela perversa ilusãozinha óptica que sofrera na sexta-feira — produto de nada mais que falta de luz e exaustão. Mas estava morta por saber se o espelho era uma relíquia a valer. Como dera o Professor com ele? Seria a sua origem comprovável? Teria sido feita alguma datação válida? Que símbolos *seriam* aqueles, afinal?

Jessi tinha memória de elefante — competência bem útil no seu campo — e vários dos símbolos tinham ficado gravados nela só da única inspecção apressada. Desde então ficara a pensar inconscientemente neles, interrogando-se porque pareceriam tão familiares, e no entanto de algum modo... errados. Tentando situar onde é que vira antes alguma coisa similar. A sua especialidade era a arqueologia da Europa do Paleolítico até à Idade de Ferro “Celta”. Embora o espelho fosse claramente de fabrico recente, estava excitada pela possibilidade de que a moldura pudesse de facto datar algures da tardia Idade do Ferro.

Conhecia-se sobremaneira bem para saber que, se lançasse outra olhada à relíquia nessa noite, a curiosidade levaria a melhor e não tardaria

que estivesse a vasculhar os livros de referências do Professor tentando determinar o que eram os símbolos e fazendo os possíveis por calcular uma data. *Já caí nessa*, pensou retorcidamente. Já tinha perdido noites inteiras sem sequer dar por isso, perscrutando um ou outro artefacto, especialmente nas raras e gloriosas ocasiões em que era temporariamente facultada à faculdade alguma peça de colecionador para estudo ou verificação. Pagava sempre a dobrar por isso no dia seguinte. Com aquela infernal pilha de trabalhos à sua espera, não se podia dar ao luxo de perder o menor tempo que fosse. Entrar e sair, rápida e eficiente, era o seu plano e cumpri-lo-ia à risca.

Esticou-se para tirar os dois espessos volumes da prateleira quando ouviu o suave ranger da porta a fechar-se atrás de si.

Quedou-se petrificada, com o braço no ar.

Depois bufou e tirou o primeiro livro da prateleira. Uma corrente de ar. Nada mais. — Nem pensar. *Não* me vou deixar acagaçar outra vez no *campus* esta noite. Esse estuporado espelho é um *simples* espelho — disse firmemente para a estante.

— Por acaso, não é — murmurou uma voz suave, com ligeiro sotaque, atrás dela. — É muito mais que um mero espelho. Quem mais sabe que ele está aqui?

Jessi arquejou e virou-se tão depressa que o livro lhe voou da mão, embateu contra a parede com um sonoro baque, e deslizou para o chão. Encolheu-se. O Professor daria cabo dela se tivesse estragado a lombada; era esquisito com os seus livros, especialmente os de capa dura. Do outro lado do gabinete, à luz difusa do computador, divisou apenas a silhueta de um homem encostado à porta, de braços cruzados ao peito.

— O-o quê... q-quem... — gaguejou.

A luz inundou a sala.

— Assustei-a — disse suavemente o homem, tirando a mão do interruptor de parede.

Mais tarde Jessi tomaria consciência de que ele se limitara a constatar um facto, não que pedira desculpas.

Pestanejou face ao abrupto aumento de voltagem, avaliando-o. Tinha os braços cruzados outra vez; estava casualmente encostado à porta. Alto e bem constituído, era extremamente atraente. O cabelo louro para o comprimento estava puxado para trás do rosto clássico bem barbeado. Envergava um fato caro de alfaiate, camisa engomada, gravata de bom gosto. O sotaque tinha toques eslavos, talvez russos, cismou. Um jovem professor vindo de visita do estrangeiro? Um orador convidado pela faculdade? — Não me tinha apercebido de que ainda havia alguém nesta ala — disse. — Procura o Professor Keene?

— Eu e o Professor já temos tido o nosso tempo juntos esta noite — replicou ele com um fantasma de sorriso.

Uma maneira singular de construir as frases; o comentário dele perpassou-lhe distraidamente pela mente, suspensa que estava ainda da sua tirada inicial. Ferrou-se nela, insistindo avidamente: — O que é que quis dizer, “é muito mais que um mero espelho”? O que sabe a seu respeito? De onde provém? Está aqui para autenticá-lo? Ou já o foi? Que símbolos tem ele? Sabe?

Ele afastou-se da porta, avançando gabinete dentro. — Tenho conhecimento de que foi entregue na sexta-feira passada. Alguém mais o viu?

Jessi pensou por um momento, abanou a cabeça. — Não me parece. Os carregadores abriram-no, mas, para além disso, só eu. Porquê?

Ele olhou o gabinete à sua volta. — Não passou por aqui ninguém das limpezas entretanto? Não há mais ninguém que tenha a chave também?

Jessi franziu o cenho, perplexa com o rumo que as perguntas dele tomavam. E começando a ficar agastada com o facto de ele não responder às suas. — Não. O pessoal da limpeza vem à quarta-feira e a única razão por que eu tenho uma chave é porque sou assistente do Professor Keene.

— Estou a ver. — Ele avançou mais um passo.

E foi então que Jessi a sentiu.

Ameaça. Emanando dele. Não a identificara de imediato, desarmada com o seu bom aspecto, curiosa a respeito do artefacto, perifericamente distraída pelo seu próprio cismar. Mas ali estava — um lobo com pele de cordeiro. Apesar de toda a sua aparente civilidade, havia algo de frio e perigoso por baixo daquele fato elegante. E estava focado nela.

Porquê? Não fazia qualquer sentido!

E subitamente a ninharia sem importância que lhe escapara quando rodara a chave na porta veio à tona das águas turvas do seu subconsciente: a porta já tinha sido aberta! Ele já devia estar dentro do gabinete, escondido atrás da porta quando ela a abrisse!

*Mantém-no a falar*, pensou, lutando contra o pânico. Inspirou cuidadosamente fundo. A adrenalina fazia-se sentir, acelerando-lhe a pulsação, deixando-lhe as mãos e as pernas trémulas. Concentrou-se em não deixar trair qualquer indício de que finalmente tinha consciência do perigo. A surpresa podia ser a única vantagem que tinha. Algures no gabinete haveria alguma coisa que ela pudesse usar como arma, algo mais ameaçador que um livro. Apenas tinha de lhe pôr as mãos em cima antes que ele percebesse o que ela tramava. Lançou um olhar sub-reptício para a sua direita.

*Sim!* Tal como pensara, lá estava uma das imitações de armas brancas do Professor exposta numa mesa ali perto. Embora fosse uma reprodução,

feita de aço e não de ouro incrustado de jóias, era tão letal como a peça genuína.

— Então que idade tem o espelho afinal? — perguntou, assumindo o seu melhor ar de olhos arregalados, não-sou-a-lâmpada-mais-brilhante-da-caixa.

Ele moveu-se de novo. Furtivo, como um animal bem musculado. Uns passos mais e teria transposto a secretária. Chegou-se um tudo-nada à direita.

Ele pareceu ponderar momentaneamente se lhe havia de dar resposta ou não, depois encolheu os ombros. — Provavelmente situá-lo-ia na Velha Idade da Pedra.

Jessi reteve o fôlego e por um momento apenas, o mais brevíssimo instante, o medo cedeu. A Velha Idade da Pedra? Estava a *gozar*?

Espera lá — claro que estava. Só podia! Era manifestamente impossível. As primeiras formas de escrita, a cuneiforme e a hieroglífica, ainda nem sequer existiam antes de meados ou fins do século IV a. C.! E aquelas gravuras no espelho eram *algum* tipo de escrita.

— Ah, pois. Não sou assim tão estúpida. — Bem, hoje, concedeu lugubrememente, bem parecia sê-lo, sensivelmente em todas as frentes, mas normalmente não o era. Normalmente padecia unicamente de estupidez numa ou duas frentes, não deste manto de idiotice. — Isso faria dele pré-dez mil antes de Cristo — troçou, ao mesmo tempo que ganhava uns centímetros mais de distância. Teria ele reparado no que ela estava a fazer? Se sim, não dava mostras disso.

— Sim, faria de facto. Consideravelmente “pré”. — Deu mais um passo em frente.

Ela pensou em gritar mas estava quase certa de que não havia mais ninguém na ala sul a esta hora da noite, e suspeitou que seria mais sensato conservar a energia para se defender. — *Okay*, concedo por um minuto — disse, afastando-se uns centímetros mais, uns centímetros mais. *Só um bocadinho mais. Mantém-no a falar.* Atrever-se-ia a tomar o punhal de um salto? — Alega que a moldura é da Velha Idade da Pedra. Certo? E que os embutidos foram acrescentados mais tarde, e o espelho inserido no século passado ou por aí.

— Não. Toda a peça, no total, é da Velha Idade da Pedra.

O maxilar descaiu-lhe. Fechou rapidamente a boca, mas esta abriu-se-lhe de novo. Perscrutou-lhe o rosto, não detectou qualquer sinal de gozo. — Impossível! Símbolos à parte, é um espelho de *vidro*.

Ele riu-se baixinho. — Não... é bem assim. Nada numa peça *Unseelie* é jamais... bem o que parece.

— Uma peça “*Unseelie*”? — repetiu ela inexpressivamente. — Desco-

nheço essa classificação. — Recurvou os dedos, pôs-se a jeito para saltar e apoderar-se do punhal, fazendo mentalmente uma contagem decrescente... *quatro... três...*

— Não são muitos os que a conhecem. Refere-se a tesouros que poucos jamais vêem e vivem para contá-lo. Antigas Relíquias feitas pelos mais negros dos *Tuatha Dé Danaan*. — Calou-se por uma fracção de segundo. — Não se preocupe, Jessica St. James...

*Oh, Deus, ele sabia o seu nome. Como sabia ele o seu nome?*

— ...serei rápido. Mal sentirá alguma coisa. — O sorriso dele era aterrorizantemente gentil.

— *Merda* para isto! — Mergulhou direita ao punhal ao mesmo tempo que ele mergulhava direito a ela.

Quando se teme pela vida, observou Jessi com indiferença quase serena, como que num sonho, os acontecimentos parecem estranhamente abrandar, embora se saiba que os acontecimentos se precipitam na nossa direcção com todo o ímpeto e certeza de um descarrilamento de comboio a alta velocidade.

Ela reparou em cada detalhe do mergulho dele, como que através de um congelamento de imagem: as pernas dobradas, o corpo tomando balanço, agachando-se para saltar, uma mão metida num bolso, tirando para fora um fino arame com as pontas revestidas de couro, os olhos repentinamente frios, o rosto duro, reparou até no esbranquiçar da pele em torno das narinas quando estas se dilataram com uma aterrorizadora e incongruente excitação sexual.

Teve consciência do seu próprio corpo de forma igualmente dicotómica. Embora o seu coração batesse disparado e a respiração se processasse em rápidos e furiosos arquejos, as pernas pareciam-lhe de chumbo, e os poucos passos que logrou dar pareceram levar uma eternidade.

Os lábios dele retorceram-se num jeito trocista e, naquele sorriso cáustico, ela viu a súbita certeza certezinha de que mesmo que lograsse armar-se do pequeno punhal, de nada serviria. A morte aguardava no sorriso dele. Ele já o fizera antes. Muitas, muitas vezes. E era bom a fazê-lo. Ela não fazia ideia de como o soube, apenas soube.

Quando ele se precipitou sobre ela, passando as pontas revestidas de couro do arame em torno das mãos, o brilho prateado do espelho, encostado à estante do outro lado da mesa, chamou-lhe a atenção.

Claro — o espelho!

Ela talvez não conseguisse levar-lhe a palma numa luta física, mas acontecia estar entalada entre ele e o que ele queria!

E o que ele queria era *altamente* quebrável!

Praticamente caiu em cima da mesa, atirou o punhal para o lado e em vez disso firmou a mão em torno da base de estanho do candeeiro que ali se encontrava. Rodopiou de frente para ele a uma velocidade estonteante, recuou na direcção do espelho e levantou o candeeiro como um taco de baseball. — Alto aí!

Ele parou tão abruptamente que deveria ter caído estatelado de cara, o que por si só gritava a quantidade de músculo letal que se encontrava sob aquele fato — oh, sim, ela teria morrido se ele lhe pusesse as mãos em cima.

— Dê só mais um passo que eu desfaço o espelho em migalhas. — Brandiu ameaçadoramente o candeeiro.

Seria aquele som o de um brusco inspirar *atrás* dela? Seguido por uma imprecação murmurada?

Impossível!

Não se atrevia a voltar-se. Não se atrevia a tirar os olhos do seu atacante por um instante sequer. Não se atrevia a ceder ao soluço de medo que tentava amarinhar-lhe pela garganta acima.

O olhar dele dardejou-lhe por sobre o ombro, os olhos fulgurantes, e tornou a fixar-se nela. — Não desfaz, não senhora. O que você faz é preservar a história. Não destruí-la. Esse objecto não tem preço. E é tão antigo como eu disse que era. É concebivelmente a relíquia única mais importante em que qualquer arqueólogo pôs jamais os olhos. Desmente milhares de anos da vossa pretensa “história”. Pense no impacto que isso teria no seu mundo.

— No meu pessoalmente? Caramba, ui, *nenhum*, se eu estiver morta. Para trás, cavalheiro, se é que o quer inteiro. E parece-me a mim que sim. Parece-me que, partido, não vale um chavo para si. — Se é que ele ia matá-la, ela nada tinha a perder em desfazê-lo num trilião de pedacinhos de prata; tanto pior que a historiadora dentro dela protestasse violentamente face a tal sacrilégio. Se é que ia ser derrubada, levaria consigo o que pudessem. Se é que ia morrer, por Deus, ele seria desgraçado também.

Um músculo contraiu-se no maxilar dele. O seu olhar passou dela para o espelho e de volta para ela. Crispou-se como que prestes a dar um passo.

— Não o faça — preveniu ela. — Estou a falar a sério. — Firmou a mão no candeeiro, preparando-se para o atirar ao espelho se ele respirasse sequer. Se nada mais, porventura lutariam sobre os cacos de vidro; ele escorregaria, cortar-se-ia, e sangraria até morrer. Nunca se sabia.



— Impasse — murmurou ele. — Interessante. Você tem mais presença de espírito do que eu pensava.

— Se tens desejo de viver, moça — ouviu-se o profundo e rico ronronar de um sotaque escocês atrás dela —, é melhor que me invoques agora.

Um arrepio percorreu-a de alto a baixo, e os cabelinhos da nuca eriçaram-se-lhe, trémulos. Tal como na sexta-feira, o gabinete ficou subitamente... diferente. Não bem do tamanho e da forma que supostamente tinha. Como se uma porta que segundo todas as convenções da realidade não pudesse de todo estar ali se tivesse subitamente aberto, distorcendo as dimensões conhecidas do seu mundo.

— Bico calado — ripostou o seu atacante, os olhos fixos além do ombro dela —, ou eu próprio te faço em bocados.

Uma risada lúgubre e trocista soou atrás dela. Fê-la estremecer. — Não o ousarias e bem o sabes. Por isso não a atacaste. Lucan enviou-te com instruções precisas. Levá-lo de volta intacto, não foi? A mera possibilidade de que o espelho se pudesse quebrar faz-te gelar o sangue. Sabes o que te faria ele. Implorarias a morte.

— Uh-uh, não pode ser — sussurrou Jessi, arregalando os olhos. Podia sentir o sangue a fugir-lhe do rosto, soube-se branca como a cal. — Não estou a acreditar nisto. — Inspirou bruscamente a custo. — Em nada disto.

A lógica insistia que não podia haver de todo ninguém atrás dela. E certamente ninguém dentro de um *espelho*, por Deus!

Mas as suas entranhas eram de opinião diferente.

As suas entranhas pressentiam “Homem” com H maiúsculo atrás dela, como se ele emanasse todo o ardor de uma pequena forja em chamas nas suas costas. Já bastava que isso lhe fizesse sentir os lados e a frente do corpo abruptamente gelados. Que lhe deixasse o pescoço dorido no esforço de manter o olhar fixo no seu potencial assassino, e de não se virar de boca aberta para o espelho. Podia *senti-lo* atrás dela. Alguma coisa. Alguém. Poder enjaulado. Sexualidade enjaulada. Fosse o que fosse que se encontrava atrás dela era formidável.

— Não te vires, mulher — aconselhou ele... a coisa... fosse o que fosse. — Conserva os olhos nele e repete o que eu digo...

— Eu não o recomendaria — avisou o homem louro, pregando os olhos nos dela. — Não faz ideia do que estaria a libertar desse espelho.

Jessi inspirou de novo a custo. Pressentia a fúria firmemente contida do homem louro, sabia que se ele pensasse, por uma fracção de segundo que fosse, que ela afinal talvez não partisse o espelho, estaria morta. Temia pestanejar sequer, temia que ele investisse nesse fugaz momento de vulnerabilidade. E alguma coisa havia atrás dela que não poderia estar ali de todo, pelo menos segundo as leis da física tal como elas as *entendia*.

Reconhecidamente, haveria muitas leis físicas desconhecidas dela, mas sentia-se razoavelmente segura das que conhecia para protestar debilmente, — Isto é uma loucura.

— Loucura seria deixá-lo sair — disse o homem louro. — Afaste-se do espelho. Faça o que eu digo e eu tratarei de que ele não lhe faça mal.

— Oh, como se eu acreditasse nisso. Agora é meu *protector*?

— Invoca-me, mulher. *Eu* é que sou teu protector — soou o comando nas suas costas.

— Isto não está a acontecer. — Não podia. Nada daquilo. A sua mente era incapaz de processá-lo, e a sensação de alheamento onírico aumentava exponencialmente. Sentia-se como se estivesse plantada, atarantada, num palco, à medida que os actores desempenhavam os seus papéis à sua volta, e se é que alguém tinha uma brochura com um desses úteis arremedos de sinopse, ela certamente não lhe pusera a vista em cima.

— Ele *matar-te-á*, moça — soou o profundo sotaque escocês de erros rolados atrás dela —, e tu bem o sabes. Nã podes dizer o mesmo de mim. A morte certa ou quiçá a morte, a escolha é simples.

— E isso é supostamente tranquilizador? — ripostou ela por sobre o ombro, para o que quer que fosse que ali estava que não poderia realmente estar.

O homem louro sorriu friamente. — Oh, ele matá-la-á, e de longe mais brutalmente que eu. Arrede-se para o lado e poupar-lhe-ei a vida. Pego no espelho e ponho-me a andar. Dou-lhe a minha palavra.

Jessi abanou a cabeça de um lado para o outro, uma vez. — Saia daqui. Já. E eu não desfaço o espelho.

— Ele nã sairá, moça, enquanto nã estiveres morta. Nã pode. Está amarrado ao serviço de alguém que o puniria se te deixasse viva agora que viste o Espelho Negro. Nã tenho meios para te convencer a confiares em mim. Tens de dar um salto de fé. Ele. Ou eu. Escolhe. Agora.

— Ele foi assim aprisionado por ser um implacável assassino que não podia ser contido de nenhuma outra maneira. Foi enjaulado para segurança do mundo. Foi necessário o poder de formidáveis Druidas...

— Mulher, escolhe! Repete isto: *Lialth bree che bree, Cian MacKeltar, drachme se-sidh!*<sup>10</sup>

Jessi repetiu as estranhas palavras sem falha assim que as ouviu.

Pois finalmente compreendia o que se estava a passar.

Ela tinha razão — nada disto se estava a passar.

---

10 Em Gaélico no original, qualquer coisa como: “Poder pardo que buscas o poder, Cian MacKalter, eu puxo-te daí!” (N. da T.)

O que se estava a passar é que ela entrara no gabinete do Professor Keene e, em vez de se dirigir para a estante como pensara fazer, sentara-se por um momento no confortável sofá *Chesterfield* para descansar os olhos. Mas acabara por se pôr na horizontal. E nesse momento estava bem adormecida, a ter o mais bizarro dos sonhos.

E toda a gente sabia que nada importava nos sonhos. Acorda-se sempre. Sempre. Porque não então deixar o homem sair do espelho? Quem queria saber?

Repetiu duas vezes o singular encantamento, para jogar pelo seguro. Irrompeu um brilhante clarão dourado, o ardor atrás dela aumentou acentuadamente, e a sala pareceu de súbito demasiado pequena para tudo o que continha. A sensação de distorção espacial aumentou quase intoleravelmente.

O candeeiro foi-lhe arrancado do braço frouxo e pousado noutra lugar. Umas mãos fortes fecharam-se-lhe sobre a cintura atrás de si. Ergueram-na do chão e arredaram-na para o lado. Depositando-a atrás dele, protegida pelo seu corpo.

Ela sentiu então o odor dele — Deus, alguma vez sentira um odor assim? Os músculos femininos no âmago do seu baixo-ventre contraíram-se. Ele não tinha vestígios químicos de *aftershave* ou desodorizante. Nada artificial. Apenas puro homem: uma mescla de couro aquecido do sol sobre pele humana, um beijo de algo pungente como cravo, um toque de suor, e a crua, muda promessa de sexo. Se é que o domínio sexual masculino tinha um odor, ele tresandava a ele, e este actuava nela como a suprema feromona, emprestando-lhe aos mamilos e às entranhas uma intensa, dolorosa consciência sexual.

Olhou de relance para cima. Mais para cima ainda.

Era o mesmo homem imponente, musculado e deslumbrante da sua fantasia de sexta-feira à noite, o longo cabelo escuro num enredado de dúzias de tranças presas com contas de ouro, prata e cobre, tombando-lhe até meio das costas. Das costas nuas, de oh-belíssimo-veludo.

— *Uuh* — arquejou. Em todas as suas incursões *voyerísticas*, jamais vira homem tão selvaticamente, esplendorosamente másculo. Imaginava que existisse apenas no seu subconsciente.

Ocorreu-lhe então que, dado que *era* o seu subconsciente a actuar, já era bem tempo de transformar o retorcido sonho do seu inconsciente profundo, de que toda-a-gente-está-a-tentar-matar-a-Jessi-hoje, numa coisa mais do seu agrado: num sonho de sexo escaldante de fazer revirar os dedos dos pés.

Habitualmente até o mais irredutível dos pesadelos necessitava apenas de um jeitinho.

E ela faria por ele. Com este homem-fantasia? De bom grado. Deleitada, mesmo. Deslizou as palmas das mãos por aquelas perfeitas, poderosas costas acima, percorrendo-lhe os músculos ondulados.

Enterrou os punhos naquela magnífica cabeleira escura. Roçou-se contra ele, moldando-se como película plástica ao seu musculoso, deliciosamente rijo traseiro.

E lambeu-o.

Deslizou-lhe a língua pela coluna acima. Saboreou-lhe o sal e homem e cio.

Todo o corpo dele estremeceu com uma violência que ela teria achado assustadora, estivesse acordada e fosse alguma coisa daquilo real. Ele inspirou profundamente entredentes, num longo silvo para dentro, como se padecesse da dor mais refinada. Quedou-se completamente imóvel, e emitiu um som gutural do fundo da garganta.

— Provocas-me, mulher — sibilou.

Atirou a cabeça — com força — libertando as tranças das mãos dela. Em duas passadas transpôs a porta, batendo-a atrás de si.

Só então é que Jessi verificou que o seu atacante se fora também. Devia ter fugido no momento em que ela libertara o homem do espelho.

Com um suspiro estrepitoso, foi deixar-se cair no sofá. Passado um momento deitou-se, estendeu-se e dobrou os braços atrás da cabeça.

Cruzou as pernas. Descruzou-as. Esfregou os olhos. Experimentou beliscar-se uma vez ou duas.

Deus, estava excitada. Não se lembrava de alguma vez ter estado tão excitada. No instante em que se encostara a ele sentira o mais estranho... bem... *choque*, à falta de palavra melhor, trespassar-lhe o corpo inteiro, e ficara instantaneamente pronta. Com as cuecas molhadas, a-postos-para-o-sexo, prontinha sem necessidade de preliminares.

*Então isto é que é um sonho molhado*, pensou com um ligeiro bufar de divertimento.

Um inquietantemente vívido e detalhado sonho molhado, mas um sonho fosse como fosse.

Ia acordar a qualquer momento.

Iup. A qualquer momento.